



Lionah Dias
Produtora de televisão

Espontaneidade e extravagância: marcas da história de vida da “primeira-dama da TV Diário”

Artista de nascença e de múltiplas facetas, Lionah Dias ou Xuxinha — ao seu dispor e como desejar proferir — embarcou no sucesso de sua semelhança com Xuxa Meneguel, dando vida a uma grande artífice cultural considerada *sex symbol* nos anos 1980 e 1990: a Xuxa Cearense.

Nascida em Quixeramobim, interior do Ceará, a filha do agricultor Zeca Pedro e da comerciante Armanda Dias dos Santos mostrou envergadura para a comunicação desde cedo. Vinda de uma família quase que feminina em sua totalidade, Lionah foi apadrinhada pelos Câmaras, donos, à época, da rádio difusora Crystal, em Quixeramobim.

E foi a partir daí que a sua vida se desencadeou nos então deslumbres do magnífico mundo do rádio, sua primeira paixão na comunicação. Entregue aos acasos dos encontros marcados com a notoriedade.

Com familiares em Fortaleza, não demorou muito para que o desejo de liberdade — este que, por diversas vezes, fora posto para fora entre os inúmeros *topless* feitos nas diversas praias que conheceu durante os tempos áureos de sua carreira — a impulsionasse, fazendo com que ela trabalhasse em uma loja de vinil no centro da capital. Os desejos e as confabulações para se alçar grandes voos foram se concretizando cada vez mais.

Em algum dia de outubro dos anos 1980, passando pela calçada do Theatro José de Alencar, em um fim de tarde qualquer pelo centro da cidade, Lionah cruza com o apresentador Irapuan Lima. Encontro esse que mudaria sua vida. Nasce a “Xuxinha do Irapuan Lima”, como ela mesma define.

Xuxinha passeava nas ondas sonoras dos rádios e na escrita luminosa da televisão;

ou, ainda para os mais sortudos, podia-se encontrá-la em uma das saudosas lojas de discos no centro de Fortaleza, acompanhada das altas prateleiras que dão lugar aos arredondados sonhos sonoros, tão resistentes quanto o material que os carrega, os escuros e sentimentais vinis.

E foi assim — nesse grande acaso — que a jovem que durante toda a infância cultivava em si o desejo ao estudo bíblico, dedicando-se à vida religiosa, fora arrebatada dessa vida marcada pelo controle do “não pecar”, deleitando-se na natureza extravagante de uma vida artística marginal, trocando o hábito — as longas vestes opacas do anonimato — por minúsculos *collants* coloridos em tons brilhantes acetinados, estes que agora davam espaço aos inesperados sonhos, envoltos por aspirações que já não cabiam mais na cabeça: o desejo de ser conhecida.

Fama, sucesso e reconhecimento. A “primeira-dama da TV Diário”, como é considerada pelos colegas de trabalho, tem hoje a televisão — além de um gato, antes de rua — como sua única companheira quando em casa. Ícone da comunicação cearense, cheia de vida e, embora essencialmente midiática, misteriosa.

Xuxinha passeia na corda bamba delineada pela linha tênue entre o real e o fantasioso que o tão aspirado mundo da fama lhe apresentou. As histórias que cercam a sua trajetória — embora absurdas em alguns momentos — se “batem” em seus ricos detalhes minuciosamente recontados a cada nova entrevista concedida — e isso ela faz como ninguém. Xuxinha acredita piamente nas verdades que a consolidaram na televisão. E não são?

Equipe de Produção:

Dellano Broges
Ícaro Machado

Entrevistadores:

Alexandre Valério
Andressa Gonçalves
Heloísa Vasconcelos
Beatriz Carvalho
Dellano Borges
Fabrício Girão
Ícaro Machado
Ítalo Cosme
Lorena Fonseca
Sâmia Martins
Suzana Mesquita

Texto de abertura:

Ícaro Machado

Fotografia:

Fabrício Paiva



Entrevista com Lionah Dias dos Santos em 3 de outubro de 2017

Ícaro – Xuxinha, nós iremos começar pelo início de tudo e com uma pergunta bem genérica: quem é Lionah Dias e de onde ela vem?

Lionah – Lionah Dias (pensativa)... É uma mulher muito sensível, muito mesmo. Até porque eu escolhi o meio artístico, então a gente fica nessa coisa do aplauso e da lágrima e outras coisas, teatro, TV... E também uma guerreira, né, porque eu resolvi sobreviver daquilo que eu amo fazer, que é TV. E até hoje não faltou nada. Eu trabalho naquilo que eu gosto, com muito tesão mesmo.

Ícaro – E o porquê da escolha do teu nome, Lionah?

Lionah – (Gargalhadas). Eu nasci em 62, e nos anos 60 minha mãe (Armanda Dias dos Santos) tinha uma máquina de costura chamada de Leonam (sucesso nas décadas de 1950 e 1960), e ela falou assim: “Zeca (José Martins dos Santos, pai de Lionah), eu vou botar o nome dela de Lioná. Aí eu soube que a história do meu nome veio dessa máquina. Uma vez, eu fui fazer a história do meu nome (matéria televisiva) em um programa lá na TV Diário (emissora de televisão cearense pertencente ao Sistema Verdes Mares desde 1997) e ficou muito bonito o que a produção fez, resgatando meu nome. Mas, assim... Ela (mãe) botou acento agudo no “a”, mas depois eu botei o “h” e ficou Lionah Dias, e eu adoro assim.

Ícaro – Como é a composição da tua família? São todos divididos (moram distantes)? E são quantos irmãos?

Lionah – Somos divididos. Tem gente da Bahia, tem gente até do Rio Grande do Sul. Lá em Quixeramobim (município cearense distante 203 km da capital Fortaleza), só tem mesmo o papai; Lúcia, a caçula; a Eulália, que nasceu antes de mim. As duas mais velhas já faleceram. E o meu irmão Arimateia, que mora aqui, em Fortaleza. Tenho o Abelardo (primo) e muitas primas e tias em Salvador. Parece que eles se entocaram (se esconderam) tudo lá.

Ícaro – Mas você tem algum irmão homem?

Lionah – O Arimateia Dias dos Santos, que é casado com a Kelly (Caroline Kelly Dias dos Santos). E o Abelardo, que mora em Salvador, é um primo-irmão filho de uma tia minha que a mamãe criou, mas é um irmão mesmo.

Ítalo – Sua família é bem espalhada pelo Brasil. Como é sua relação com eles?

Lionah – Não é essas coisas, não. Eu pago um preço horrível. A minha família mesmo, acho que são vocês... E os que trabalham comigo... E meu pai, que é um amor de pessoa... Mas, assim, minhas irmãs mais velhas eram grandes amigas minhas. As outras irmãs têm umas coisas esquisitas, como se elas quisessem me machucar lá na alma. Elas não são muito do tipo “ei, eu te amo, feliz Natal”, não. Não, não, não. Eu não sei porque eu pago um preço tão dolorido. Os estranhos são loucos por mim.

Lorena – E como é sua relação com o seu pai?

Lionah – O pai já tem 90 anos. Sabe como é pai, louco por mim. Como tinha essa entrevista hoje, ainda não fui lá (visitar), mas vou semana que vem, porque ainda estou de férias. Meu pai é uma pessoa muito linda. Eu sempre digo que ele é o grande amor da minha vida nessa coisa (relação) de sangue. Porque é assim, minha mãe já faleceu, né. Ela faleceu nova, ela infartou dormindo em 1997, mas meus irmãos não tão querendo me ver, não. Eu fico (tentando), mando um “feliz final de semana”. Mas é tão esquisito... Eu não sou assim, querida por eles. Tem sempre uma rixa, tipo “deixa ela”. Mas o meio artístico me deu muitas amizades, muita coisa. Nossa, tem tanta gente que me quer bem... Claro que a gente quer gente do nosso sangue, do nosso DNA, que chame pra um... Até porque sou um pouco esquisita, sou muito isolada, às vezes. Gosto de estar quieta. Por mais que eu seja muito do povo, também tenho meu outro lado de tar quietinha, de ler, adoro livros e ouvir música, meus *pop rock* (estilo de rock originado nos anos 1950), afinal nasci em 62 e cresci ouvindo *The Beatles* (banda de rock britânica, formada em Liverpool, em 1960) no rádio lá de Quixeramobim... *She loves you, yeah, yeah, yeah* (cantarola), é muito bom, chega passa um filme (pela minha cabeça) ouvindo a Jovem Guarda (movimento cultural nacional da década de 1960 que atingiu o campo musical).

Ícaro – Como foi que a comunicação se apresentou pra você? Qual foi teu primeiro contato direto com a comunicação?

Na pré-entrevista, que ocorreu em uma lanchonete do Theatro José de Alencar, Lionah chorou bastante ao ler a carta-convite, fazendo questão de lê-la do início ao fim.

No início da pré-entrevista, Lionah contou que todo ano dá entrevista para alunos de Jornalismo de outras instituições, mas tinha o sonho mesmo de estar na Revista Entrevista.

Menção honrosa para Lena Oxe, produtora e apresentadora da TV Diário. Já foi entrevistada pela Revista Entrevista e recebeu a equipe de produção muito bem para uma conversa prévia sobre Lionah.

Lionah – Lá em Quixeramobim, na rádio difusora Crystal. Eu queria falar no microfone porque achava aquilo o máximo, então eu queria falar. Eu achava bonito o rádio (e me perguntava): “Como a voz dessa pessoa consegue entrar aqui dentro (risos), no rádio de casa, no rádio da minha mãe, o Semp (Sociedade Eletromercantil Paulista, uma empresa brasileira de eletrônicos fundada em 1942)? Fui no estúdio e começava a falar “Boa tarde, eu quero ouvir a música ‘tal’” (risos). A rádio deixava eu ficar à vontade até porque é dos meus padrinhos (de crisma, Getúlio Câmara e Violeta Câmara). Depois eu vim para Fortaleza e aqui foi onde conheci o Irapuan Lima (Irapuan Barros de Lima foi um radialista e apresentador de TV; 1929-2002). Ele me conheceu aqui, na calçada desse Theatro José de Alencar (localizado no centro de Fortaleza e inaugurado em 1910) e me convidou para dançar no

programa dele, e eu fui, eu fui mesmo! Não sabia nada (de dança), mas, assim, eu sou muito carismática e o meu carisma aconteceu rápido na TV. Foi por conta do meu carisma que eu aconteci, tô até hoje. Na vitrine que é a televisão, se você não for muito carismática, não sei nem o que você tá fazendo lá. O pessoal de casa gosta de carisma, que passa uma mensagem alegre de otimismo, uma coisa boa. Quando estou na frente das câmeras, eu sou assim (alegre). Pode ter acontecido qualquer coisa, ter enterrado um parente, eu não mudo! Eu sou muito carismática!

Ítalo – E, Xuxinha, como foi sua infância em Quixeramobim?

Lionah – Tão boa, muito pura. Minha mãe tinha uma mercearia e todo mundo ia comprar lá. E eu sempre fui muito boa, então eu pegava as coisas pra dar pras pessoas (risos). Lá, em Quixeramobim, eu ia no



Também nos recebeu muito bem Emanuel Sales, diretor de programação da TV Diário.

abrigo dos velhinhos e levava bombons. Se fosse hoje, iriam dizer: “Mas essa menina leva (doce) pro povo que tem diabetes?” (risos). Mas eu ia em cada caminha daquela pra conversar e até hoje eu sou assim, eu amo conversar com os idosos.

Dellano – E como era a sua relação com as freiras da cidade?

Lionah – As freiras eram maravilhosas, porque toda quarta a gente marcava estudo bíblico. Estudava os evangelhos, né. Eram quatro: Mateus, Marcos, Lucas e João. E eu ia pra casa das freiras e, menino, as freiras faziam umas tortas tão gostosas que, quando terminava o estudo bíblico, a gente ia comer aquelas tortas gostosas, e eu nem sabia que freira gostava de cozinhar. E a gente ia estudar (a Bíblia) e era tão bom aquele momento... Tinha uma menina chamada Helena, lembro até hoje dela, e outras do grupo Assis Bezerra (escola de ensino fundamental e médio de Quixeramobim). E era boa a minha relação com as freiras, até porque eu queria ser uma delas, mas era mais pelo figurino, pelas sobreposições (uso de camadas de roupas como lenços e panos). (Eu uso) muito pano, muito cachecol (risos). Hoje não botei cachecol, mas amo sobreposições.

Lorena – E qual é a sua relação com a religião? Você estudava em uma escola de freiras só por conveniência?

Lionah – Não, eu era carola, carola mesmo. Tanto que lá no colégio Dr. Andrade Furtado (escola de ensino fundamental e médio localizada no centro de Quixeramobim) fiquei por muito tempo conhecida como carola. Minhas colegas diziam: “A Lionah vive nesse meio (da Igreja)”. (Eu) dava aula de catecismo pra 30 crianças da Primeira Comunhão, e elas saiam tudo bonitinhos. Eu gostava muito.

Heloisa – E como foi que começou sua religiosidade? Sua família era religiosa ou foi no colégio?

Lionah – É porque os padres da cidade visitavam muito minha casa e duas casas (de) vizinhas que (também) eram carolas, da dona Tieta e dona Francisca. E eles iam tomar chá em casa e nosso mundo se tornava aquele. Ainda gosto de observar as freiras quando vejo uma, elas me passam serenidade. Mas, quando cheguei em Fortaleza, me apaixonei pelo mundo artístico, comecei a dançar com aqueles *collant*, fazer *topless* nas praias desertas do Ceará nos anos 80, enfim... Tudo que tinha direito.

Ícaro – Xuxinha, assim que você mudou para Fortaleza, você começou a trabalhar em uma loja de discos de vinil no centro da cidade, foi isso?

Lionah – Foi.

Ícaro – Como foi essa experiência de vir pra cá e trabalhar diretamente com a música?

Lionah – Me ajudou muito. Pra mim foi muito bom. Porque ali eu já ouvia aqueles vinis e fui absorvendo aquela coisa da área artística, música tal, do cantor tal, compositor tal. Sempre gostei de ler ficha técnica e até hoje sou assim, de ver os profissionais que estão por trás (das músicas). Depois fui pra outra (loja), mas no período da manhã, porque estudava à tarde, mas essas lojas não existem mais.

Sâmia – Mas antes de você começar a trabalhar, como foi o período de adaptação de sair do interior e morar na capital?

Lionah – Eu vim morar primeiro na casa do sobrinho da minha mãe. Porque era (comum) sair do interior pra casa de um parente, né. E eu vim estudar a sétima série no Colégio Manoel Hugner. (Depois disso) fui me adaptando. Em 80, me convidaram e eu fui pra TV (TV Cidade). Eu pensei: “Vou passar uns seis meses e depois eu saio”. Que nada, (estou) lá até hoje. Eu me identifiquei com a televisão.

Alexandre – E como foi esse primeiro contato com a televisão?

Lionah – Mágico, né, gente... O cara (cinematista) te filmando com aquela câmera antiga, (então) quando você vê que vai entrar na casa das pessoas, você tem que entrar maravilhosa. E eu já tinha botado isso na cabeça: entrar sorrindo, entrar carismática, (afinal) você tá em uma vitrine. Depois, foi surgindo um trabalho de moda, um desfile (aqui e ali) pra pagar as coisas. Porque as pessoas diziam: “Aquele menina é muito carismática, a Xuxinha lá do Irapuan Lima. Vamos convidar ela pra fazer um trabalho aqui pra gente, ela vende!” E esses trabalhos me ajudaram muito para pagar o pensionato (onde morava).

Ícaro – Xuxinha, com 15 anos você teve seu primeiro amor, que foi com um jovem empreendedor de 25 anos que crescia no ramo de restaurantes na Beira Mar. Como foi namorar com um homem mais maduro?

Lionah – Foi maravilhoso porque ele era um *gentleman*. Germano era muito *top*. Ele é aquele cara que manda flores, chocolate, que abre a porta do carro. Não sei por onde anda, mas na época foi muito legal meu primeiro namorado. Foi lindo, lindo mesmo. Namorei cinco anos com ele, mas eu mesma fui me distanciando. Um dia ele me procurou e eu mandei dizer que não estava.

Ícaro – Quando você trabalhou na loja de vinil, você teve muito contato com cantores famosos que foram lá. Você poderia listar

Lena Oxa intitulou Lionah como “a primeira dama da TV Diário”; já uma estagiária da TV Diário com quem conversamos aa chamou de “carta coringa”.

A entrevista “definitiva” com Lionah foi realizada no foyer do Teatro José de Alencar, no Centro de Fortaleza.

Sem ar-condicionado e somente com as janelas abertas, Lionah sofreu com o forte calor, suando bastante no início da entrevista.

“(...) quando você vê que vai entrar na casa das pessoas, você tem que entrar maravilhosa. E eu já tinha botado isso na cabeça: entrar sorrindo, entrar carismática, (...) você tá em uma vitrine”



pessoas que você conheceu? Lionah – O primeiro que eu vi foi o Amado Batista (cantor romântico que começou a carreira em 1974). Foi em 79, no primeiro vinil dele (Lionah se enganou, pois o primeiro vinil foi lançado em 1974). Ele foi saber as vendas, (porque) naquela época os (próprios) artistas iam. Tinha os grupos de lambada, o Pinduca (cantor paraense nascido em 1937), o Rei do Carimbó. Quando tinha lançamento de disco de cantoras como a Bethânia (Maria Bethânia, nascida na Bahia em 1946), Joana (cantora carioca nascida em 1957), nos hotéis, eu tava lá.

Ítalo – Xuxinha, voltando ao ponto da sua família, queria saber sobre sua relação com o Pedrinho (irmão) e o que ele significou pra você?

Lionah – Assim... Minha mãe teve vários filhos e naquela época não tinha vacina para paralisia infantil. Esse menino morreu em 74. Eu e a Eulália revezávamos pra cuidar dele. Mas do nada morriam (mais de um irmão morreu com sintomas semelhantes). (Eles) estavam dormindo e, quando você olhava, morreu. Então, ele foi o último filho da minha mãe que nasceu paralítico lá em casa. E era uma época em que (os meninos) nasciam paralíticos, viu. Nas meninas não tinha paralisia. E eles viviam até quatro anos, depois eles faleciam.

Lorena – Como foi pra família lidar com essas perdas?

Lionah – É esquisito porque dói, né. Eu lembro do papai saindo com aqueles caixões pra sepultar, eu lembro. É tão lindo isso, são uns anjinhos. E dizem que era um gene (genética), mas papai e a mamãe nunca quiseram fazer exames, então ninguém sabe o porquê (das paralisias).

Dellano – E isso influenciou para você não ter filhos?

Lionah – Influenciou, sim, eu sempre tive medo de ter filhos.

Lorena – E, hoje em dia, você não se arrepende dessa escolha?

Lionah – Não, não, de jeito nenhum.

Sâmia – Você pode falar um pouco como foi sua relação com sua mãe?

Lionah – Sou a cara dela: olho, nariz, tudo (risos). (Ela) foi uma guerreira, batalhadora. Minha mãe vendia até pedra e areia, uma grande comerciante, ela gostava de comércio. Uma pessoa muito simpática. E meu pai já era mais da lavoura. Naquela época (década de 1970), Quixeramobim era a terra do algodão, (era) a fonte de renda, muita fartura. E ele (também) é muito simpático e ele dá muita gargalhada. Acho que é por isso que ele vive até hoje, aos 90 anos.

Ícaro – A família que te acolheu aqui é por parte de mãe ou de pai?

Lionah – Parte de mãe. O Zé Maria, ele é sobrinho da minha mãe, filho da irmã da minha mãe. Ele tem fazenda em Boa Viagem (município vizinho a Quixeramobim, no

Antes de começar a entrevista, Lionah contou que tinha acordado “deprê” e tinha cogitado não ir.

Ceará), sempre gostou do ramo de balanças, ele é um empreendedor, ele sempre quis ser rico (risos). Mas ele não foi um pai bacana, tanto que o (filho) mais velho já se suicidou, o Marcelo, meu amigo. A família tem uma coisa (histórico) de suicídio, ela tem uma tendência. Se eu não bobear (estiver enganada), já foi o oitavo há pouco tempo. E eu não sei o que eles tinham, se era esquizofrenia (uma doença mental crônica que afeta homens e mulheres) ou transtorno bipolar (distúrbio associado a alterações de humor). (Mas) não é o meu caso, eu amo a vida, sou louca pela vida. Até porque não tenho tendência. A vida, gente, é muito boa, e é tão rápida... Olha eu aqui dando entrevista para os alunos top da UFC. Vai entrar pra história.

Ícaro – Xuxinha, depois que você saiu da casa dos tios, você sempre morou envolta do Centro de Fortaleza...

Lionah – (Interrompendo)... Sim, eu gosto muito do Centro.

Ícaro – Pois é, qual é a tua relação com o Centro?

Lionah – (Risos). É porque aqui (no Centro) tem tudo. Naquele tempo tinham uns pensionatos tão legais, tudo muito organizado, com café da manhã e tudo. Em 79, os pensionatos eram tudo organizadinhos, um mais top que o outro. E eu (também) gostava do Centro porque tudo era perto.

Alexandre – Em que ano você decidiu morar sozinha?

Lionah – Foi em 85, (quando) fui morar no Lord Hotel (originalmente, Edifício Philomeno Gomes, construído em 1956 na Praça José de Alencar). E lá se hospedaram grandes nomes da história. Dizem, né, não sei.

Ítalo – Xuxinha, como começou essa história de que você é parecida com a Xuxa (Meneghel, cantora e apresentadora gaúcha nascida em 1963)?

Lionah – Eu era muito novinha, né, aí os colunistas sociais (Flávio Torres, do O Estado, foi o primeiro) começaram a dizer assim: “Menino, essa menina lembra uma moça de uma capa de revista, com nome de



Pela proximidade da sua casa com o Theatro e pelo medo de andar de carro, Lionah foi a pé para a entrevista, assim como na pré-entrevista.

Morando sozinha, Lionah conta com a ajuda do amigo Barná, que já a visitou no hospital às 3 horas da manhã quando ela ligou.

“Quando ele (ex-namorado) viu o desfile, ele fez um escândalo no Maraponga em alto grau. Foi horrível”

Xuxinha adora animais. Atualmente tem uma gatinha chamada Lili Marinha.

Xuxa". Aí começaram a me chamar (de Xuxa Cearense). Nas fotos, eu lembrava (parecia) mesmo.

Dellano – E você se acha parecida com ela?

Lionah – Não. No passado parecia mais, nos anos 80, 90, mas só o rosto, porque eu não sou tão alta. O Chacrinha (Abelardo Barbosa, pernambucano nascido em 1917 e falecido em 1988; fez sucesso em emissoras de rádio e TV do Rio de Janeiro com programas de auditório, a exemplo do Cassino do Chacrinha, da Rede Globo), por exemplo, (me) achava (parecida).

Lorena – E como a senhora lidou com isso na época? A senhora incorporou a personagem?

Lionah – Não, não incorporei, não. Eu era eu mesma. Mas era uma loucura em cima de mim. Tinham muitos guardas de segurança quando eu cantava.

Ícaro – A tua vida mudou muito depois que você cruzou com o Irapuan Lima na calçada deste teatro?

Lionah – Mudou, mudou muito. Tudo era em volta de mim, envolta da Xuxa do Irapuan. Tudo! O Irapuan ia não sei aonde e eu ia junto, eu tinha que ir.

Ícaro – E você pode descrever como foi esse encontro?

Lionah – Eu ia passando aqui, na calçada do teatro (José de Alencar) e ele vinha da (Rua) 24 de maio, e eu disse: "Nossa, você é o Irapuan Lima!". E ele: "Nossa, como você é bonita, (você) não quer ser minha 'Irapuete' (como as assistentes de palco do Irapuã eram chamadas)? Aparece sábado na TV Cidade (emissora local pertencente ao Grupo Cidade de Comunicação)". Sábado eu fui e passei 11 anos lá.

Fabrizio – E como foi o primeiro dia? Ficou nervosa?

Lionah – Perdida, mas não nervosa. (Depois de um tempo) me tornei professora (de dança), então passei um tempo ensinado as meninas e era tão boa a nossa turma... Não tenho nada de negativo para dizer sobre o Irapuan, só coisa boa.

Lorena – A senhora tinha quantos anos quando começou no Irapuan?

Lionah – Tinha 20, 21. Eu entrei em outubro de 81. (Em 1991) ele não negociou mais com a empresa (TV Cidade) e partiu pra outro plano. Depois disso fui seguir minha vida e trabalhar em outras TVs. Já trabalhei com a (apresentadora) Luciana Dias, no (programa) Sábado Show (da antiga Band Ceará, na década de 1990), fui assistente de produção dela, ajudando em tudo, mas do meu jeito.

Alexandre – E o que a sua família achou quando descobriu que você iria ser uma Irapuete?

Lionah – Assim... O pessoal de Quixeramobim ficou todo "xiii... A filha do seu Zeca Pedro, nossa...". Mas papai sempre soube trabalhar esse lado, papai só faz rir. E um dia ele veio conhecer os estúdios da TV Diário, fizeram uma surpresa e quase eu desmaio no palco.

Ícaro – E como foi esse programa especial em que eles trouxeram o teu pai?

Lionah – Era Dia dos Pais, e nesse dia os telefones todos (dos familiares próximos ao pai) estavam desligados, e eu não conseguia (pedir) a bênção pro pai. (Mais tarde), o Ênio (Carlos, apresentador de rádio e da TV Diário que nasceu em 1965 e faleceu em 2016) recebe uma ligação de Quixeramobim, disse que era o pai da Xuxinha. E o pai já estava atrás (do palco) com o telefone. E eu atendi: "Quem é? Pai, que saudade do senhor. Pelejei (tentar bastante) e não conseguir uma ligação (pra falar com o senhor)". O Ênio disse que eu não ia conseguir porque (ele) desligou os telefones de onde ele estava hospedado (casa do irmão Arimateia). Aí, quando o pai entrou (no palco), foi muita choradeira. Ele entrou com a minha irmã e a minha cunhada, e eu disse: "Como é que vocês aprontam isso comigo?" (risos). Mas foi o Ênio Carlos que fez isso por mim. Onde ele estiver, muito obrigada.

Ícaro – Por quanto tempo você foi assistente do Ênio Carlos?

Lionah – Naquela época, não tinha estagiário, então só tinha assistente de produção, eu. Em toda a ficha técnica (do programa) tinha meu nome. Então eu era assistente (de produção) de todos os programas, mas do Ênio foi... Até o tempo (em) que ele ficou no ao vivo, aos domingos.

Sâmia – Você era formadora de opinião (no João Inácio Show, programa da TV Diário comandado pelo apresentador João Inácio Júnior) e tinha toda uma polêmica. Mas esses comentários eram seus mesmo ou pensados para serem polêmicos?

Lionah – Não, era minha opinião mesmo, sou muito verdadeira.

Sâmia – E você comentava sobre que tipos de assunto?

Lionah – O que ele perguntasse, eu botava pra lascar (expressão cearense que significa "botar pra arrebentar" com a pessoa de quem se fala). (Eu) pegava pesado. Além de mim, tinha o Barná (cabeleireira e jurada do Silvano's Night, programa comandado por Silvano Neves na TV Diário) e Nilson Fagata (apresentador da TV Diário e colunista) como formadores de opinião.

Lorena – Como que estar na televisão impactou na sua vida pessoal?

Sendo a primeira entrevista desta edição, todos estavam tensos no início, mas o clima mudou no decorrer da conversa.

Lionah – Impactou (pelo fato) de eu não ter muito sossego. Eu sou muito conhecida e onde eu chego tem alguém cochichando. (Mas) claro que tem gente (que pede) pra bater uma foto, (ainda mais) agora com a tecnologia.

Andressa – A senhora nunca pensou em ter um programa na TV?

Lionah – Eu fico pensando: “É muita responsabilidade...”. Eu sou muito de querer fazer do meu jeito. Vai que eu tenho que obedecer ao diretor, né... Eu não sei, gente, essa pergunta é muito... Hoje madura, com 55 anos, poderia fazer junto com algum colega. Mas naquela época (eu) não queria, não.

Ícaro – Quando você trabalhou na televisão, você foi considerada uma *sex symbol*. Você trabalhava muito com o corpo e isso desconversava muito com a sua base escolar, que era mais de freira. Como foi essa (discordância), esse universo de sensualidade na televisão?

Lionah – No início eu senti um pouco de angústia, mas depois eu soube administrar, eu não iria ser freira. Eu (resolvi) que queria ser artista mesmo, estar no meio artístico. Em Quixeramobim, não tinha outro sonho a não ser me tornar freira. Mas depois mudou tudo, fiquei apimentada.

Lorena – E em algum momento da sua vida a senhora pensou em outra carreira?

Lionah – Não, não consigo fazer nada além de televisão. Nada, nada, nada! Tem

que ser televisão. Não me vejo fazendo outra coisa.

Heloisa – E como as pessoas do interior (Quixeramobim) que conheciam a senhora viam você na televisão? A senhora chegou a sofrer algum caso de machismo?

Lionah – Não, naquela época (eu) aparecia muito em jornal impresso. Eles faziam matéria e botavam minha foto: “Lionah maravilhosa” (risos). Eu gostava e gosto.

Ítalo – Xuxinha, você fazia muitas presenças vips. O que foi pra você desfilarmos na inauguração do Iguatemi (maior *shopping center* de Fortaleza, inaugurado em 2 de abril de 1982).

Lionah – Aí foi uma coisa de alto gabarito do Sinfrônio (chargista desde 1991 do jornal Diário do Nordeste, do mesmo grupo ao qual a TV Diário pertence), vestindo as camisetas dele, a coleção dele lá no Iguatemi. E, naquela época, tinha uns empresários já pensando em sair (comigo), jantar fora, (fazer) programa (prostituição). Mas eu não, só queria receber meu cachê. Não usava muito o meu corpo para ganhar dinheiro (dessa forma), não.

Ícaro – Durante esse passeio entre a televisão e o rádio, você conheceu alguém que marcou muito a sua vida, ou no rádio ou na televisão?

Lionah – Na TV Cidade, conheci um locutor (de rádio) chamado Cleilson Dantas (locutor e repórter da rádio Dragão do Mar).

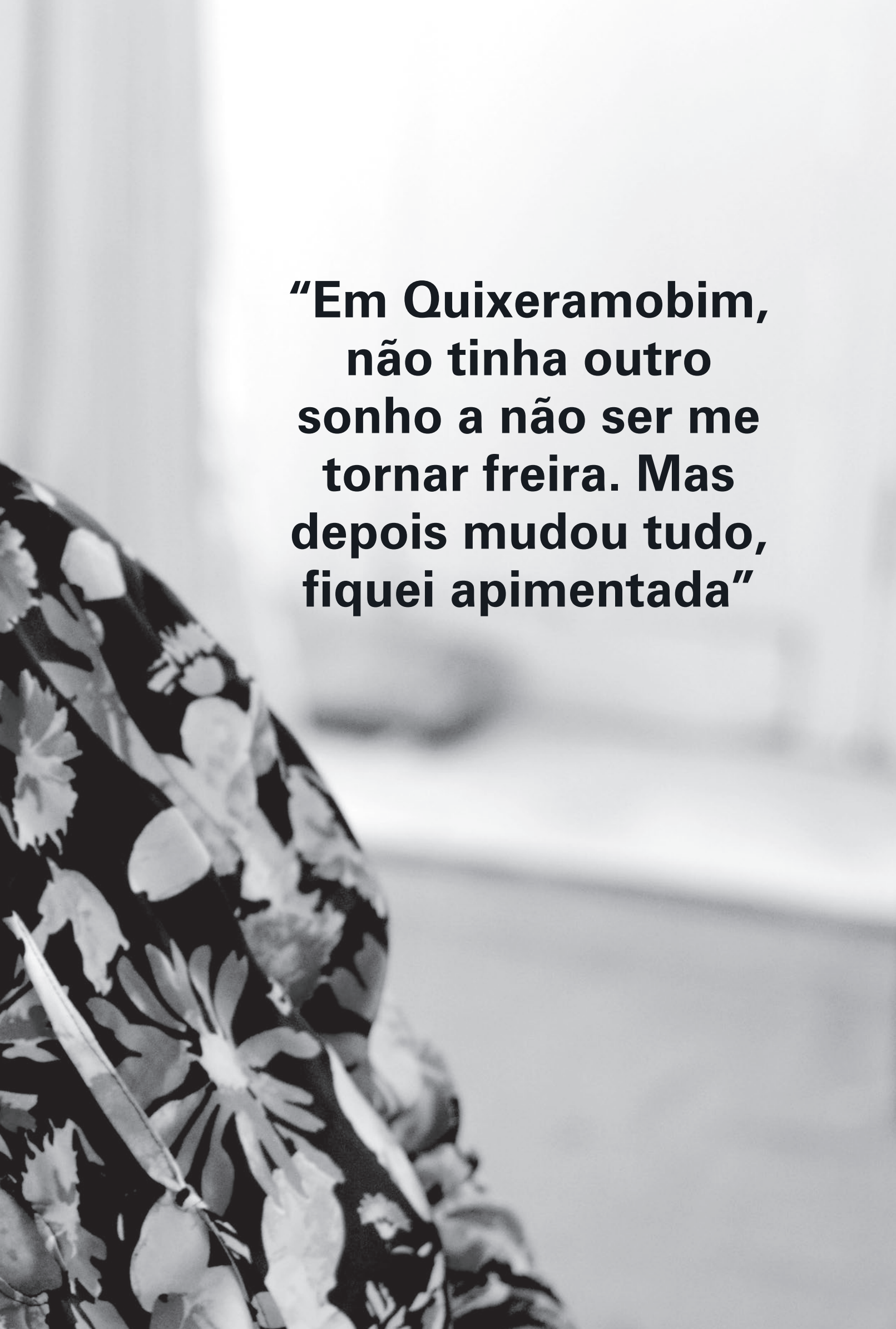
Antes da entrevista, cada aluno se apresentou dizendo seu nome. Lionah chamou de “linda” Beatriz Carvalho e a Lorena Fonseca.

“(...) não incorporei (a personalidade da Xuxa), não. Eu era eu mesma. Mas era uma loucura em cima de mim. Tinham muitos guardas de segurança quando eu cantava”



Lionah achou o professor que coordena as atividades da Revista Entrevista, Robson Braga, “muito novinho”.



A black and white photograph of a person wearing a patterned garment, with a quote overlaid on the right side. The person is wearing a dark garment with a light-colored floral pattern. The background is a bright, out-of-focus outdoor setting. The quote is in a bold, black, sans-serif font.

**“Em Quixeramobim,
não tinha outro
sonho a não ser me
tornar freira. Mas
depois mudou tudo,
fiquei apimentada”**

Na pré-entrevista, Xuxinha disse com todas as letras: “Eu não sou cover da Xuxa!”



Também na pré-entrevista, Lionah disse que gostaria de conhecer a Xuxa.

“Sou a cara dela: olho, nariz, tudo (risos). (Ela) foi uma guerreira, batalhadora. Minha mãe vendia até pedra e areia (se fosse preciso)”

Tinha uma voz linda, ele não era bonito pessoalmente, mas tinha a voz bonita. E ele foi um namorado muito legal e doente de ciúmes. Conheci na Rádio Cidade AM e, (quando) cheguei lá, foi química mesmo. O cara me considerava “a namorada” (fala dando ênfase). Ele tinha prazer em mostrar a namorada dele. Esse locutor marcou a minha vida, eu não esqueço ele. Às vezes eu penso nele e choro, porque eu sinto o cheiro dele. Ele tinha prazer em mostrar a namorada bonita que ele tinha. Ele me apresentava pras pessoas tão orgulhoso... Mas a gente (ainda) vai se encontrar em outro plano.

Heloisa – E você diria que ele foi seu grande amor?

Lionah – Eu sempre quis um namorado que dissesse assim: “Hoje é Natal e você vai jantar a Ceia na minha casa, com a minha família”. E foi só ele que fez isso...

(conta em lágrimas). E é isso que eu sinto falta nele... (chorando). Foi quando eu tive Natal de verdade e Ano Novo de verdade... Um simples locutor de uma rádio... E eu era tão feliz... (nesse momento, o *foyer* do teatro ficou em completo silêncio; a equipe de produção ofereceu água para a entrevistada). Uma vez fui gravar um comercial na TV Verdes Mares (emissora de TV brasileira afiliada da Rede Globo no Ceará, pertencente ao mesmo grupo da TV Diário) e o cara falou assim: "O comercial vai ficar pra outro dia, porque aconteceu um problema". Aí eu disse assim: "Pois, gente, eu vou ir bem aqui na Rádio Cidade (emissora de rádio pertencente ao Grupo Cidade de Comunicação), pois eu sou louca pra conhecer o locutor que eu escuto lá em casa, o Cleilson Dantas". Quando eu entrei no estúdio, bateu (a química). É impossível esquecer. Daí a gente começou a namorar, só que um dia fui fazer um desfile na feira da moda, no Maraponga Mart Moda (shopping atacadista criado no início da década de 1990 no bairro Maraponga, em Fortaleza) e aí eu estraguei tudo. Muito ousada, botei logo uma canga em cima dos seios. Quando ele viu o desfile, ele fez um escândalo no Maraponga em alto grau. Foi horrível, ele ficou arrasado. Mas, quando a gente se encontrar um dia, vai ser lindo.

Ícaro – Xuxinha, você sempre teve uma liberdade amorosa maior e sempre gostou de frequentar praia, fazer *topless*, e vários empresários já pediram para casar contigo, mas você negou. Como você define o amor?

Lionah – Naquela época, não tinha (Lei) Maria da Penha (que pune por violência doméstica e familiar contra a mulher) e eu sempre tive medo de que alguém tocasse em mim. Porque os meus pais nunca me bateram, papai nunca levantou a voz pra mim. Então eu tinha medo. Imagina (eu) casar e o cara me matar enquanto eu estiver dormindo? Mas isso é insegurança, sempre fui muito insegura.

Ícaro – Mas você já sofreu algum tipo de violência?

Lionah – Não... Mas, naquela época, não vou mentir porque não adianta mentir. Antigamente, quando uma criança tá deitada e... Isso é muito forte.... (Sabe quando) você tá deitada e uma mão (vem) passando "aqui"

em você? (passa a mão no próprio abdômen). Você com dez anos? (Foi) um tio, lá nas brechas (interior) de Quixeramobim. É por isso que eu sou assim, eu acho. Você tá dormindo no seu cantinho e uma mão tá mexendo em você... Você não pode gritar "papai, mamãe", porque é um tio seu. (Eu) acho que fiquei cheia de problemas por causa disso.... A gente nunca esquece, (afinal) você tem dez, 11 anos... É assédio, né! Cresci uma menina insegura... Chorona... Medrosa. Nunca quis aprender a dirigir. Até hoje digo: "Ai, cuidado, vai com calma". Com o acidente de carro (ocorrido na infância, do qual ela fala mais adiante), fiquei muito medrosa. A dança e o meio artístico me fez mudar. Eu vivia em um meio tão bom, a gente era (todos) muito felizes. Mas é muito cruel quando você volta e lembra que alguém mexeu em você quando estava dormindo.

Dellano – E você nunca contou pra ninguém?

Lionah – Não, tô contando hoje... Com 55 anos, estou contando pela primeira vez pra jovens jornalistas.

Sâmia – Xuxinha, e quanto tempo isso durou?

Lionah – Até meu 12 ou 13 anos. O tempo que ele (ficou) lá em casa. Mas já passou.

Sâmia – Mesmo você sendo muito próxima do seu pai, você nunca pensou em contar pra ele?

Lionah – Não... Dói aqui (pega no peito). Eu tinha vergonha. Era criança, né (fala emocionada). Mas a arte libera tudo isso aí. O passado, a infância, ela externa.

Lorena – E o que a senhora queria ter feito de diferente?

Lionah – No meio artístico?

Lorena – Na vida.

Lionah – Se eu tivesse grana... Um sonho é transformar tudo da Santa Casa de Misericórdia (de Fortaleza, que funciona desde 1861 no Centro da cidade). É um sonho meu. Deixar aquilo como manda o figurino. É um sonho solidário. Por que a Santa Casa? Porque (ela) me recebeu por muito tempo quando eu não tinha plano de saúde. Eu tinha uma alergia e eu ia pra lá tomar aminofilina na veia. E até algum tempo (atrás), eu ia visitar as pessoas. A coisa que me faz mais feliz é deixar alguém feliz, levar um sorriso. A gente só é feliz quando faz alguém feliz.

Lionah deu seu Whats App para a equipe de produção tirar qualquer dúvida e entrar em contato quando quisesse.

“Meu pai é uma pessoa muito linda. Eu sempre digo que ele que é o grande amor da minha vida nessa coisa (relação) de sangue”

Lionah não pensou duas vezes antes de dizer nomes para serem entrevistados pela equipe de produção.Xuxa.

O barulho vindo do entorno do Theatro não atrapalhou a entrevista, mas é perceptível na gravação de áudio.

“Eu gravei essas duas músicas (que cantava no circo). Mas o povo queria era ver as minhas pernas”

Ítalo – Gostar de fazer as pessoas felizes fez com que você fosse trabalhar no circo?

Lionah – (Risos). Eu sou fã de picadeiro. Quando você bota o pé ali, (onde) tem palhaços, ficar perto do povo é muito bom, meu Deus.

Fabrizio – Com o circo você conheceu todo o Ceará. E o Brasil?

Lionah – Do Brasil, só o Rio (de Janeiro), que eu adorei. Porque eu ia pra casa do Chacrinha e, como ele tinha me conhecido pela BMG Ariola (gravadora de discos brasileira, do grupo Ariola Discos), ele gravava aqueles discos de Carnaval e vinha divulgar nas lojas e ficou a amizade. Como eu tinha muita facilidade de ganhar passagem (aérea), através do programa do Irapuan, eu vivia dentro dos aviões (risos). Mas eu gosto de estar mesmo é em Fortaleza.

Alexandre – E como foi o seu primeiro contato com o circo?

Lionah – Nos anos 90, tinha muito circo no interior. Hoje em dia, ninguém vê mais (circo), não. Mudaram muito as coisas, até por causa do tempo, da seca. (Mas naquele tempo), quando você sai de Itapipoca (cidade cearense conhecida como a cidade dos três climas, distante 103 km de Fortaleza), vai pra Acaraú (município cearense distante 238 km de Fortaleza), (já) vai pra outra praça, como a gente chama. Da praça de Acaraú vai pra Sobral (cidade cearense distante 240 km de Fortaleza), aí a gente anda pelo Ceará inteiro (risos).

Ítalo – Como funcionava por dentro do circo?

Lionah – Assim... Se desse mil reais na bilheteria, 500 é do dono e 500 é do artista, 50%. Então pronto, eu levava minha irmã ou um amigo gay, gente muito boa, que era honesto. Porque, no circo, ou você é roubado ou não é, um dos dois (risos). Mas chegou um tempo (em) que eu ia só, confiava nas pessoas.

Ícaro – Você cantava e dançava (no circo). Geralmente qual eram as músicas e de quais cantores?

Lionah – Eu levava uma fita cassete com duas músicas que eu gravei em Recife: “É doce o teu amor” e “Doce querer”, com o Bezerrão (João Bezerra, radialista da Rádio Verdes Mares). Ele gravou um disco com vários artistas e eu gravei essas duas músicas (que cantava no circo). Mas o povo queria era ver as minhas pernas.

Heloisa – E você não cantava as músicas da Xuxa?

Lionah – Um trequinho, né, porque (no) circo tinha muita criança, tinha palhaço, então eu cantava, mas não que gostasse.

Dellano – Você tinha medo de acidente na estrada?

Lionah – Sempre tive, até hoje. Só não tenho medo de avião, mas de carro sempre tive, porque eu tenho medo de ficar aleijada. É porque, na minha infância, o Jeep da minha mãe virou duas vezes e eu tava dentro, só que eu não tive um arranhão, (mas) aí eu fiquei com medo.

Alexandre – Você tinha que viajar tanto... Como você lidava com esse medo?

Lionah – Sempre dando bronca no motorista. Mas hoje, com os fones de ouvido, é uma válvula de escape. Você coloca uma música *top* e tudo pronto.

Sâmia – Ser parecida com a Xuxa marcou a sua vida. Como foi sua relação com ela? Você acompanha a vida dela?

Lionah – Não. Foi um apelido que surgiu e pronto. Não sou de pegar uma fotinha e fazer um álbum, não, não.

Heloisa – E a sua fama chegou de alguma forma até ela?

Lionah – Não, chegou no Chacrinha, que mandava beijo pra mim. Mas não ligo pra isso, não.

Fabrizio – O Chacrinha fez algum convite pra você trabalhar com ele?

Lionah – Fez... Em 87. Eu teria trabalhado mais um ano com ele. Ele fez o convite em 86 e ele faleceu em 87 (na verdade, ele faleceu em 30 de junho de 1988). No dia em que ele morreu, eu tava cantando no circo em Itapipoca. Eu nunca vou me esquecer... A TV disse: “Faleceu Abelardo Barbosa”. Mas ele me explicou que (se eu fosse ser Chacrete) eu iria morar em um pensionato e que a perua (modelo de carro) iria me pegar e deixar no Teatro Fênix (teatro em que foram gravadas as produções da Rede Globo de 1975 até 1999). Eu disse: “Não quero, não, eu amo Fortaleza”.

Ítalo – E em casa, como é você em casa?

Lionah – Eu (sou) a pessoa mais desorganizada do mundo, uma bagunça total, igual à Elke Maravilha (atriz nascida na Rússia, com cidadania alemã e radicada no Brasil; 1945-2016). Se duvidar, a panela tá

A fotografia ficou por conta de Fabrício Paiva, e o vídeo por conta de Mariane Oliveira.

junto com o sapato, sapato junto com a panela, igual à Elke (risos). Se você entrar lá em casa, é uma bagunça. Esse dias eu tô arrumando porque eu ganhei uma gatinha (Lili Marinha). Eu sou muito desorganizada em casa, (mas) no meu trabalho é tudo organizado. É porque eu não nasci pra ser dona de casa, não, gente.

Heloisa – A senhora mora sozinha... Como é que é?

Lionah – Moro. É tão bom morar só!

Heloisa – A senhora não se sente solitária?

Lionah – Não, não. Eu já vivo em um meio tão maluco e ali eu assisto televisão, dou maior valor em assistir televisão, adoro. (Também) tenho uma mania de anotar pautas da televisão, mas só pra mim mesmo.

Ícaro – A televisão é a sua companheira hoje?

Lionah – É, mas assim... Agora eu tô paquerando uma pessoa bem mais jovem. A gente se relaciona (como) “bebê”. Ele me chama de “bebê” e eu chamo ele de “bebê”, pronto. E foi ele que foi pra Guaramiranga (município cearense distante 110 km da Fortaleza) comigo e foi uma lua-de-mel (risos), foi óoooootimo (gargalhadas). Ele tem 22 anos com uma cabeça excelente que a minha de 55 não chega nem perto. Ele manda no WhatsApp (aplicativo de conversa): “Você foi fazer os exames hoje de manhã?”. E eu disse: “Não, não tava afim, tava com preguiça”. Ele tem uma cabeça muito legal (boa). (E) o bicho é bonito.

Lionah diz já ter colocado o ex-Menudo Ricky Martin no colo. Na época, Lionah divulgava artistas da BMG Ariola e teve contato com a banda durante o show realizado em 1985 no Estádio Castelão, em Fortaleza, quando o cantor tinha 13 anos de idade.



Lionah desfilou na inauguração do Shopping Iguatemi de Fortaleza, em 2 de abril de 1982. O shopping marca a expansão da cidade para a região do Parque do Cocó.

Durante a entrevista, Xuxinha destacou a amizade que teve com Abelardo Barbosa, o Chacrinha, apresentador de programa de auditório em emissoras como a Rede Globo, falecido em junho de 1988.

Dellano – Há quanto tempo vocês se conhecem?

Lionah – Bom, a nossa história é muito linda. Eu tinha 13 anos quando ele olhou pra mim e eu olhei pra ele. Eu disse: “Olha, você é uma criança e não pode”. (Com) 15 anos eu fui pra uma casa de praia, e ele ficou mexendo no meu pé por debaixo da mesa. Um dia, ele me achou nas redes sociais e ele (também) sabe que eu trabalho na TV Diário. Ele me convidou pra passar umas férias em Guarimiranga. E (ele) foi com todo cuidado comigo. Sempre discreto. Eu disse: “Olha, as coisas devem acontecer entre quatro paredes” (risos). Gente, ele é louco pelos meus seios, vocês acreditam?

Lorena – Qual o nome dele?

Lionah – Não posso (falar) (todos riem).

Ícaro – Xuxinha, você sempre trabalhou com o seu corpo exposto, e a sua beleza era algo muito comentado na época devido à sua forte semelhança com a Xuxa. Pensando nisso, hoje você acredita que existe uma vida útil para os artistas dentro da televisão?

Lionah – Como assim?

Heloisa – Como as modelos, em que (só se) pode ser modelo até certa idade.

Lionah – Não, a TV tá muito diferente. Eu fui símbolo por muitos anos. Hoje chega uma meninazinha e daqui a um mês entra outra que tá toda preparada no silicone. Hoje, é tudo no silicone. No meu tempo era eu, eu fui muito *top*. Hoje é muito rotativo.

Ícaro – Falando em TV, como é na TV Diário?

Lionah – Se eu tiver algum problema ou doente, já vai alguém em casa pra saber o que tá acontecendo. Meu gestor (Garcia Junior) manda perguntar como estão as coisas (a saúde).

Ícaro – Atualmente, você está trabalhando em qual programa?

Lionah – Forrobodó (programa musical apresentado por Jack Lima na TV Diário). Eu faço os links (externas ao vivo).

Ícaro – E como funciona os links? Quem te dirige?

Lionah – No início, o produtor acompanhava, mas agora eu me viro com o cinegrafista e o assistente. Mas, dependendo do local, vai mais gente. Quando foi no mês de junho e fui (fazer matéria) sobre as quadrilhas, foram todos os estagiários comigo. Mas quando é lá no interior, me mando com o cinegrafista e tiro leite de pedra. O gestor quer o mais natural do mundo, (ele diz): “Eu quero a sua alma”. Eu pergunto: “Eu falei errado?”. E ele diz: “Não quero saber se você falou errado, eu quero a sua alma”. Hoje a TV é alma.

Ícaro – E existe diferença entre a Lionah e a Xuxinha?

Lionah – Não, não, a Xuxinha foi um apelido que pegou mesmo. E muita gente não esquece dela por causa que liga com o Irapuan Lima, a Xuxinha do Irapuan Lima.

Ícaro – E pra você, quando você saiu do Irapuan Lima, a Xuxinha ficou lá ou a Xuxinha a acompanhou?

Lionah – Eu só saí de lá porque o programa terminou. Se ele estivesse vivo, eu ainda estaria lá (risos). Com 55, eu seria uma secretária do Irapuan, mas não pra dançar. A gente precisa se tocar, né (no sentido de ter bom senso). Eu iria coordenar as meninas bonitas (dançarinas). É porque, na época, ele chegou no ponto de não renegociar com o Miguel Dias (Miguel Dias de Souza Filho, presidente da TV Cidade). O Irapuan queria assim, ele queria assado. Ele tentou (ter um programa) na TV Diário, mas o programa dele era quatro horas, e a TV Diário queria dar só uma hora e meia. O Irapuan disse: “Uma hora e meia pra mim? Não dá tempo nem pra dizer ‘boa tarde’”.

s

Já no Ceará, o destaque foi para o contato de Lionah com o “Chacrinha do Norte”, o Irapuan Lima (1927-2002), de quem foi Irapuete, como eram chamadas as assistentes de palco do apresentador em programa da TV Cidade.



“Eu só saí de lá (do programa do Irapuan Lima) porque o programa terminou. Se ele estivesse vivo, eu ainda estaria lá, (...) mas não para dançar”

Ícaro – , hoje em dia, o que você espera do futuro? Tem vontade de se mudar para Quixeramobim?

Lionah – No futuro, espero voltar para Quixeramobim pra falar no rádio por meia hora, um programa de otimismo, né. Pronto, só isso. Mas só no futuro, ainda tá muito recente (distante).

Beatriz – Xuxinha, quais foram as pessoas que te ajudaram em momento difíceis?

Lionah – Uma pessoa que foi muito amiga foi o Boris (José Airton Ponte, que atribuiu à sua empresa, as Óticas Boris, seu apelido de infância). (Ele foi) uma pessoa muito presente nos anos 80. Até hoje eu posso contar com meu óculos de grau, que eu não compro, eu ganho (risos). Quero dizer, desde 1980 até 2017 a mesma amizade? É bonito, a amizade é a mesma. E quando precisei (pagar) a hemodiálise (tratamento que consiste na remoção do líquido e substâncias tóxicas do sangue, como se fosse um rim artificial) do pai, o doutor Paulo Quezado (advogado) e a esposa, Ana Quezado, entraram com a grana, e o papai não morreu, porque o papai tava super mal (fala emocionada). A vida do meu pai tava ali, na hemodiálise, (algo) que eu não desejo nem pra um mosquito.

Heloisa – A senhora gravou duas músicas com o Bezerrão. Gostaria de saber se você poderia cantar um pedaço...

Lionah – Sim, Bezerrão e Seus Convidados. Na época, eu gravei em Recife, era ritmo de marcha. É assim: “É fogo, é fogo, é fogo o teu amor / Vou me queimar nesse calor / É fogo, é fogo, é fogo o teu amor / Vou me queimar nesse calor / A luz do teu olhar me incendiou / Por ti me apaixonei...”. E essa é “Doce querer”: “Estou numa vontade louca de amor no teu prazer / Sentir aquela chama ardente envolvendo a gente no doce querer”. E com essas duas músicas eu (cantava) no circo. E foi isso (gargalhadas).



A fama local de Lionah se deve à semelhança à época com Xuxa Meneguet, que iniciou carreira televisiva em 1983 na Rede Manchete e migrou para a TV Globo em 1986.

Apreciado por Lionah, o Theatro José de Alencar é uma obra de *art nouveau* inaugurada em 17 de junho de 1910 e reformada em 1975, anos antes de ela esbarrar com Irapuan à frente do prédio.